

VII

ENCONTREI A MIM MESMO EM UMA FORMAÇÃO HUMANIZADA: autobiografia de um licenciando*

*Gledson de Lucas Silva de Jesus
Alice Alexandre Pagan*

Introdução

A escola e a universidade geralmente sempre espera que tenhamos uma linguagem técnica e objetiva, porém eu concordo inteiramente com que Pagan (2020) fala sobre suas produções na academia. A autora diz que não consegue imaginar o processo de criação, mesmo científica, como algo puramente racional ou intelectual. Não é apenas organizar, pontuar, problematizar e escrever.

A escola é, ou, pelo menos, deve ser, um espaço de bastante interação, é um lugar em que frequentemente lido com pessoas que se diferem uma das outras, e não gosto de ignorar e deixar de aprender, pensar em formas de inclusão para um público tão diverso que as instituições de ensino nos oportuniza a vivenciar. Contudo, infelizmente na prática, ainda somos levados por um método tradicional que vem dos nossos patriarcas baseado em uma visão positivista e preocupada apenas com a racionalidade e a produção, desconsiderando os aspectos psicossociais, que por sua vez são cruciais para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, as habilidades socioemocionais atuam como aspectos que facilitam a aprendizagem, visto que a postura mais centrada nos estudantes requer profundas alterações no fazer do professor (JESUS; DUARTE, 2020) e infelizmente, sem essa abordagem na escola ainda não aprendemos a valorizar pontos específicos que humanizam uma sala de aula.

Sobre isso, relembro que no meu ensino médio, antes de chegar à universidade, eu convivia com a pressão de ser aprovado no vestibular e a escola parecia exigir que toda a minha turma fôssemos aprovados, porém as pressões, cobranças e lembretes como por exemplo “o Enem está chegando” me levava a uma instabilidade emocional, e isso sempre me preocupou, me levando a questionamentos hoje como futuro professor

*DOI – 10.29388/978-65-81417-68-0-f.125-140

“qual o verdadeiro propósito da escola? é apenas formar para uma prova? e com base no número de aprovações em universidades trazer bons resultados para a escola de um ótimo desempenho? É isso que a caracteriza como boa? Mas, e as questões emocionais dos alunos são consideradas nesse processo?

Essas são algumas das minhas inquietações como futuro professor, vejo que os aspectos racionais, exacerbadamente conteudistas são geralmente os propósitos da educação, que se aproxima de uma visão produtivista material. Parece que a escola tem como única missão formar pessoas para o mercado de trabalho e não para a vida, pois noto que desconsidera, em muitos aspectos, que a escola também é espaço de (trans)formar socialmente os estudantes e isso pode refletir na construção de visões de mundo cada vez mais inclusivas e singulares.

Considerando essas críticas iniciais, neste artigo busquei apresentar minhas experiências na educação, bem como algumas reflexões por meio da participação em um encontro da Caravana da Diversidade. Partindo desses relatos, busco ainda pensar em uma educação humanizada através da afetividade e das habilidades sociais, motivado pelo seguinte questionamento: é possível pensar em uma educação humanizada que busca atentar para as emoções e assim colaborar com a reflexão de professores em formação inicial no processo de ressignificação de experiências emocionalmente negativas? Para responder essa questão busquei primeiramente abordar minha vivência na Caravana da Diversidade e trazer referenciais que discutem a importância dos relatos autobiográficos utilizados nesse ensaio e, em seguida, quis trazer a importância das emoções e do afeto no processo de ensino e de aprendizagem falando de minhas experiências na escola e o meu lidar com situações que me impactaram negativamente nas emoções. Finalizo com uma breve discussão sobre a humanização na educação como proposta de repensar tais experiências negativas.

O encontro com a caravana da diversidade

No ano de 2018 tive contato com um evento itinerante chamado “Caravana da Diversidade”. Trata-se de professores de diferentes regiões do Brasil com um propósito em comum que é o ouvir. Ouvir sobre a diversidade, seja ela qual for, e acolher essa diversidade tornando-a importante e relevante no meio educacional. Participar desse momento com esses professores me trouxe muitos impactos na lida com os monstros que atordoavam minha mente. Eu nunca havia me imaginado,

falando de mim mesmo na universidade e muito menos encontrar pessoas que tinham o interesse de ouvir, e essa prática tem me levado, enquanto futuro professor, a uma (trans)formação. Hoje eu não lido com o ensino de biologia padronizado, não vejo como um espaço que deve ter um roteiro a ser seguido, pois acredito no potencial da diversidade e as diferenças que precisam ser ressaltadas nesse espaço, noto o meu curso de licenciatura com diferenças constantes com o que venho acolhendo de reflexões pela sociobiodiversidade.

No dia do evento, confesso que senti um grande impacto, nunca falei abertamente sobre isso mas foi a primeira vez que eu tive um contato com uma professora trans, lembro-me de que isso me tocou profundamente, pois eu ainda não tinha nenhuma referência de um professor ou professora LGBTQI+ e ouvir, ver a uma professora trans, fez-me querer me aceitar em todos os aspectos, como um homem viado, gay, baitolina mesmo, na vida social, e até mesmo profissional.

Ouvir a professora Alice fez com que eu quebrasse alguns conceitos que prevaleciam em mim, por exemplo, eu ainda via e entendia que ser gay era um grande problema para mim, para minha família e também pelo meio no qual eu ainda vivia. Ainda via a necessidade de me esconder me “vestir” de algo que eu não sou, para me proteger. Ainda me assustava a ideia de me expressar, apesar de que o que mais almejava era ser ouvido. Ainda me assustava falar de mim, falar da minha sexualidade. Eu ainda parecia querer realmente acreditar que se tratava de uma fase, apesar de lidar com ela desde muito tempo. O encontro com a Caravana da diversidade e a produção da Bio Narrativa Social (BIONAS) me proporcionou um encontro comigo mesmo.

Foi apresentado para o grupo que participava do evento a possibilidade de produzir uma narrativa, conhecida pelo grupo de professores pesquisadores como BIONAS. Bionas é um recurso educacional digital que trabalha e prioriza a vida, é uma forma de falar de si, ser ouvido, mencionar e sobressair histórias, saberes, emoções, conhecimentos construídos na intrínseca relação com a natureza, que foram e ainda são silenciados no processo educacional. Na produção da Biona, junto com meu grupo, destacamos a importância da Amazônia Paraense por meio de uma história em quadrinhos (HQ), no enredo pude também trabalhar a minha sexualidade quando coloco um personagem e a partir deleuento minha própria história.

Escrever meus momentos, considerando o personagem em quadrinhos, me ajudou a me compreender, a me conhecer, definir meus medos, limites, sentimentos, traumas, emoções e eu me perguntava,

quem são esses professores? Quem são essas pessoas, essas vidas que em uma universidade, estão preocupados e ansiosos em ouvir minha voz? Inúmeras vezes eu me emocionei, por me encontrar nas palavras, por me aceitar e ao mesmo tempo sentir um acolhimento. Escrever a bionas, me levou muito ao desenvolvimento do autoconhecimento e mudou e tem mudado minha visão, e minha vida em todos os aspectos.

Não havia dito em lugar nenhum com palavras com a entonação da minha voz, ou por meio de um texto que eu fosse gay. Isso despertou em mim um sentimento libertador. Ainda senti um grande receio, um certo medo de novamente ser eu mesmo naquele momento, mas as falas dos professores flutuavam em minha mente e me motivavam a enfrentar as barreiras que surgissem. Eu não me sentia mais sozinho e estava pronto, encorajado para enfrentar o fato de ser gay em uma sociedade que nos força à heteronormatividade.

A Caravana apresenta um conceito que me permite hoje, de forma agradável, resgatar aquele aluno que foi silenciado. Aquela diversidade que poucos ou até mesmo ninguém se importa pode ser ouvida através das (bio)narrativas sociais que são falas que os indivíduos constroem, sobre a natureza da qual eles fazem parte trazendo suas reflexões. Eles se tornam a voz dessa natureza (PAGAN, 2020). E toda essa oportunidade que a Caravana da diversidade me permitiu viver, me traz hoje paz, descanso, acolhimento, sinto-me vivo pela primeira vez e isso tem me ajudado a continuar e não aceitar a discriminação, a não aceitar o preconceito e hoje eu não apenas ouço, eu consigo ser forte para lidar com essas questões pela oportunidade que tive de escuta dentro de uma universidade. Abertamente, com as pessoas, eu me desconstruí de definições que eu mesmo cultivei dentro de mim, como supracitado eu não conseguia falar por exemplo “eu sou gay”, eu não conseguia expressar ou até mesmo pensar nessa possibilidade sem sentir culpa, sem sentir que eu estava sendo uma pessoa horrível.

[...] Foi motivado a ter contato com o conhecimento humanizado a se aceitar como homem gay em formação docente de biologia, dessa forma hoje sabe que terá um diferencial na futura profissão docente por trazer o equilíbrio entre conceitos científicos e a humanização e valorização cultural. A Caravana de Pesquisa proporcionou uma visão que se passava despercebido na prática de ensino, permitindo assim fazer uma autoanálise do acadêmico sobre suas vivências anteriores. (JESUS et al., 2019, p. 287)

Antes da Participação na Caravana, eu tentei o suicídio por três vezes, uma delas eu tentei mutilar minhas orelhas. Nada parecia bom, eu me sentia fora do espaço, fora do contexto, anormal, indiferente, eu me tratava como um lixo. Mal gostava de comer, porque alimentava o meu corpo a qual eu tinha um certo tipo de repúdio. Falo tudo isso, para mostrar que o ato de ouvir alguém, ouvir os alunos, pode salvar vidas e foi exatamente o que salvou a minha

Narrativas autobiográficas como espaço de trans(formação) docente profissional

Optei nesse texto por escrever na primeira pessoa, pois de algum modo me senti mais confortável, penso que existe uma diversidade de vivências na escola que precisam ser relatadas, pois podem ser importantes formas de ressignificar fatos vividos e pensar em maneiras de evitar tais vivências negativas na prática docente profissional, como também repeti-las caso sejam positivas, mas para isso, é importante que se ouça esses relatos.

Uma educação que é caracterizada não somente por expor, mas também por ouvir, pode se definir como uma educação libertadora afetuosa, visto que, dá voz aos agentes que constituem uma sala de aula. Isso é permitir que participem da construção de seus próprios saberes colaborando assim para a formação, até mesmo de outros profissionais da educação no lidar com conflitos e situações que a escola pode propiciar na exposição de relatos autobiográficos dentro de um curso de licenciatura. Para Alcoforado (2014, p. 80) os relatos autobiográficos acabam que:

[...] ajudando a resolver a tensão entre as expectativas e os constrangimentos e otimizando as possibilidades de transformar (dizendo, pensando e agindo) o que tem sido a história de cada pessoa e de cada grupo profissional. Estaremos, desta forma, a identificar esta prática formativa como uma atividade propiciadora de aprendizagens emancipatórias, as quais devem dar sentido a um projeto realista e desafiador de mudança do trabalho e das condições nas quais ele decorre.

Diante disso, nota-se a importância de ouvir as experiências reais vividas como mecanismos de reflexões para melhorias na prática, pois as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de

formação e de conhecimento, porque têm na experiência sua base existencial (SOUZA, 2008). As narrativas autobiográficas ou a chamada escrita de si, na forma de textos redigidos na primeira pessoa do singular ou de depoimentos orais transcritos e/ou textualizados, tornam-se documentos apreciados pelo seu potencial para a compreensão do pretérito (GOMES, 2018).

As vivências, os fatos, a história é crucial pois sem ela não seria possível identificar o que mudou, o que deve mudar e o que ainda permanece da mesma forma entre outras características que a riqueza de relatos, narrativas autobiográficas podem gerar com sua utilização. Para (LIMA *et al.*, 2015, p. 28) uma vez que tomamos a decisão e a responsabilidade de analisar nossa própria história, temos evitado ser desfigurados por pesquisadores externos que se dedicam a fazer pesquisas sobre a escola e sobre nós.

A emoção como elemento para aprendizagem

Quando me levo a falar sobre as emoções na escola, penso que se trata de algo indispensável no processo que chamamos de ensino e aprendizagem, pois é partir delas que produzimos um tipo visão que traduz as situações variantes que nos ocorrem e que nos levam a algum tipo de comportamento. Acredito diante disso, que compreender as nossas próprias emoções são cruciais para manter a concentração nos estudos, por exemplo.

Sempre que me levo a refletir sobre a aprendizagem me remeto ao meu mundo, me levo a minha situação enquanto estudante e não agora como um sujeito que reflete criticamente e pesquisa sobre o ensino. Eu me sentia constrangido na escola por me considerar distinto dos meus demais colegas de classe e, também por reconhecer facilmente comportamentos diferentes em mim, se comparado aos outros.

Eu me sentia inibido socialmente por conta de uma má formação congênita nas minhas orelhas. Por conta disso os outros alunos, os professores, os funcionários da escola e até mesmo minha família faziam piadas e chacotas sobre mim.

Ainda hoje, algumas piadas persistem, porém pelo menos não com a mesma intensidade na universidade. Isso sempre me impediu de me sentir realmente confortável com as relações sociais, por mais que hoje eu seja considerado bastante extrovertido ainda vivencio situações constrangedoras que me forçam a inibição.

Na escola estudamos e lidamos com pessoas a todo momento e isso dificultava minha aprendizagem, pois, quando eu olhava para o meu caderno, depois de ir ao banheiro, encontrava desenhos que exacerbavam formatos das minhas orelhas e do meu corpo magro, mas que descreviam bem o que eu conseguia ver em mim: uma criança, um adolescente, com uma orelha sem formato e enorme que impedia e impediu a realização de alguns objetivos que eu havia construído na educação básica.

Penso que a educação e os processos de ensino e de aprendizagem devem ser repensados a partir do movimento social, a partir das relações sociais. Eu aprendo melhor quando sou acolhido, quando me sinto bem, quando tenho a certeza que o espaço que eu estou não liga para as minhas diferenças, mas respeita minhas singularidades sendo elas fe-notípicas ou relacionadas também a sexualidade.

O processo de ensino e aprendizagem pode ter bastante melhoria se for além da preocupação em trazer dados e informações técnicas. Não sonho com uma escola que seja um *setting* terapêutico, mas sim um espaço de preocupação, também, em saber como os alunos emocionalmente estão ou simplesmente impedir que alunos tenham que lidar com tanto bullying como eu tive e ainda tenho. As vezes, tenho certas crises existenciais de pensar e se fosse diferente? E, se eu tivesse nascido com orelhas iguais às dos outros e se eu fosse o sonho de “macho alfa” que minha família esperava? Talvez eu não tivesse a percepção que tenho hoje da importância das emoções e a inclusão dos alunos durante o processo de aprendizagem, é diante disso que dou um novo significado para meus traumas e os supero, transformando minha dor em motivo para educar mas também para ouvir e acolher.

O reflexo da minha dor, virou um desejo ardente de impedir que outros alunos sejam surpreendidos com o cesto de lixo na cabeça. Sobre esse cesto de lixo não costumo trazer muito essa questão nas minhas falas, pois em muitos anos achei que essa ação vivida por mim era o reflexo de mim mesmo, como eu me enxergava, mas vou lhes contar essa história.

Em 2013 eu estava no ensino fundamental, a professora teve que resolver um assunto na diretoria eu estava copiando no quadro quando fui surpreendido por colegas de classe que colocaram o cesto de lixo na minha cabeça, eu não sei até hoje o propósito daquela ação, eu vivia em uma situação de luta constante e foi como se literalmente eu visse o mundo desabando em cima de mim. Eu só conseguia chorar. E, o chorar, para um pré adolescente em processo de compreender sua

sexualidade, na puberdade, foi bastante assustador e traumático, frente a uma geração ainda dominada pela heteronormatividade, que nos fez crer, e defender por muito tempo a ideia de que o “homem não chora”. Todas essas situações passaram a me trazer dificuldades sobre maneira na concentração, eu ficava sempre inquieto, penso que foi aqui o ínico de um dos problemas que tive de enfrentar no ano de 2018, das crises de ansiedade e a depressão.

Ao falar sobre isso quero destacar aqui o quanto as experiências na escola podem ser mecanismos ardentes que desdobram nossas emoções e interferem fortemente na qualidade do espaço social da sala de aula. Quando a professora tinha que sair por algum motivo da sala, eu pedia para fazer qualquer coisa para não ficar ali: ir ao banheiro, fingir um sintoma de mal-estar, beber água, por anos via a escola como um local de total insegurança e que ninguém foi capaz de compreender que o motivo da falta de atenção, o isolamento social era um pedido de socorro, porém a educação tradicional não permeava e ainda não permeia totalmente na consideração de questões emocionais.

Por conta disso, deixei de falar ou pensar em mim e deixei com que esses monstros pudesse interferir na minha vida em todos os aspectos. Qual impacto seria se a professora ao menos uma vez buscassem atentar para as relações interpessoais e nos questionassem de vocês entenderam? Para , como vocês se sentem? Talvez situações como essas citadas por mim poderiam ter sido evitadas no estímulo de falar de si, de compreender as próprias emoções, de percorrer o caminho da aceitação.

Quando a educação se opõe a falar e a envolver a diversidade sejam culturais, sociais e entre outras não considero suficiente assim o papel do educar, não vejo uma formação sólida quando apenas a racionalidade é discutida vejo a formação assim totalmente levada pela causalidade de uma visão fechada que reflete em uma formação robotizada e insensível que torna o ambiente da sala de aula opressor, opressor desde que não estabelece condições satisfatórias para os alunos, a sala de aula precisa ter condições sociais adequáveis, precisa ser um espaço que traga bons resultados não somente em notas, em números mas também na qualidade psicossocial nas interações e nas relações, é preciso consolidar as emoções, sentimentos, opiniões, cada singularidade nesse processo.

Só num clima de segurança afetiva o cérebro humano funciona perfeitamente, só assim as emoções abrem caminho às cognições. Num clima de ameaça, de opressão, de vexame, de humilhação ou

de desvalorização, o sistema límbico, situado no meio do cérebro, bloqueia o funcionamento dos seus substratos cerebrais superiores corticais, logo das funções cognitivas de input, integração, planificação, execução e output, que permitem o acesso às aprendizagens. (FONSECA, 2016, p. 366)

Para finalizar essa linha de pensamento sobre a importância das emoções na aprendizagem eu me lembro de um professor chegar pra mim e falar “Você é tão bonito, porém essas orelhas te acabam” eu escrevo lentamente isso, pois o impacto que me causou foi tão forte que por 3 anos eu parei de me olhar no espelho, parei de tirar fotos eu parei de ver e notar também que eu era uma pessoa, eu só conseguia ver e entendia que as pessoas só conseguiam ver as minhas orelhas fora do padrão. Eu fui apagado e me apaguei, lutava no desafio de me esconder de mim mesmo e das pessoas, não queria ser notado porque ser notado era um pesadelo. As palavras de um professor, como referência na sala de aula importam, causam impactos e marcas, por isso é indispensável a humanização e o desenvolvimento das habilidades sociais.

Habilidades sociais na educação para humanização

Defendo as Habilidades Sociais (HS) na educação pois acredito que saber lidar com diferentes situações e inclusive problemáticas na sala de aula, requer o desenvolvimento prévio de habilidades que condicionam características de uma boa resolução, com respeito aos sentimentos e emoções e singularidades e além disso evita a possibilidade de mais problemas. Ser habilidoso no âmbito social serve como uma espécie de ponte que une a educação com o respeito ao outro e isso em todos os aspectos, servindo para a construção de um ambiente adequado para a aprendizagem, em que muitos traumas podem ser evitados.

A análise da temática emoções, na BNCC, aponta para uma gama de possibilidades, que podem e devem ser construídas coletivamente. Ao situar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais no contexto da promoção da saúde e do bem-estar, a BNCC nos convoca a pensar sobre a função da escola para além do ensino dos conteúdos tradicionais de cada disciplina. (SILVA, 2020, p. 32)

Del Prete e Del Prette (1999, 2017) definem as HS como aspectos comportamentais que possibilitam o agir de maneira adequada diante das situações inclusive na escola, pois ela é um ambiente onde existe pluralidade de pessoas, culturas, regiões e crenças que se diferem umas das outras e a falta da adequação comportamental diante das situações sobre tudo os conflitos que podem gerar consequências desastrosas afetando a saúde emocional, são interferidos com comportamentos habilidosos aceitáveis diante de distintas situações, ao resolver a problemática evitando que ela evolua nas relações.

Lembro de um professor de história que tive no ensino básico, que detinha de um posicionamento problemático na visão de muitos, desde que, sua forma de avaliação era sempre com palavras duras e rígidas direcionadas para os alunos de um por um e na frente de todos. Eu olhava a minha volta, na sala de aula, e tinha pessoas chorando, aflitas e até amigos que, ou mudaram de turno ou até mesmo de escola, para não lidar mais com esse professor. Os alunos e alunas que restaram apresentavam comportamentos não mais de respeito, mas de medo.

Saber iniciar uma conversa, saber permanecer no diálogo e concluir-lo de forma eficaz é uma habilidade social. Questiono-me sobre o seguinte ponto “quando levo a construção de feridas por duras e rígidas palavras como poderei ensinar a quem eu tanto machuco?” Apontar erros e falhas, é importante, mas saber apontar sem contribuir com possíveis traumas penso que é mais importante ainda.

As habilidades sociais aqui nesse texto são defendidas, frente a necessidade da adequação comportamental, respeito e harmonia nas relações interpessoais, pois, há muitos discentes na sala de aula que acabam sendo excluídos, muitos professores apenas exercem seu papel de lecionar massivamente sem dar a devida atenção aos limites psicossociais e isso resulta no desânimo dos discentes na condição de aprendizes.

É preciso ampliar o reconhecimento social dentro da escola, considerando sua importância para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes e professores. Para Carrara e Betetto (2009) atentar para as demandas sociais prepara os estudantes para o convívio na sociedade e no seu profissional.

Onde está o humanização na didática da escola ?

Quando eu falo sobre as questões afetivas eu quero resgatar esse educando que eu fui: esquecido, humilhado e que se deixou levar por

palavras ruins, mas absurdamente preocupado com as pessoas ao seu redor. Apesar de tudo eu sigo em uma crença que acredita que o mundo não é tão mal assim e eu posso como futuro educador construir isso com meus alunos.

As pessoas me perguntam onde estava minha família por, exemplo, enquanto eu passava por essas situações e frustrações. E, bom... Eu não fui estimulado a falar de mim e vivíamos em uma casinha em um bairro coberto de poeira e calor onde existia um refúgio que chamávamos de bica. Era uma fonte que fornecia a água para todo o bairro, ali eu lidava intensamente com a natureza, abraçando a Rebeca e o Zequinha que eram árvores do quintal da minha avó que carinhosamente chamo de minha mãe vó, era um dos raros momentos de afetos que eu tinha. Era uma vida difícil com muitos problemas que vão desde a violência doméstica que eu presenciava minha mãe passar no lidar com meu pai. Eu não falava de mim para meus pais, porque sei que poderia preocupar minha mãe e trazer mais problemas e sofrimentos a ela, e a ela eu só queria poder trazer alegria e ser um refúgio diante do caos e meu pai não ouviria, ou como das outras tentativas veria como frescura causando mais um estigma.

Minha mãe enfrentou coisas duras e terríveis na vida e suportou muito devido a essa linha de pensamento tradicional da heteronormatividade sustentada por crenças religiosas que ofendem a autonomia das mulheres e que põe as mulheres como as submissas que devem servir ao homem de todas as formas sem direito de opinião: o único dever é obedecer. Vale ressaltar que em função do sexismo as mulheres constantemente sofrem por tentarem se inserir na educação e no mercado de trabalho. Isso ainda é uma realidade gritante, que eu presenciei as mulheres da minha vida passarem, em toda minha infância e adolescência.

Minha mãe uma vez tentou voltar a estudar e foi um momento maravilhoso para mim, até que acordei com cheiro de fumaça em uma manhã de segunda feira e eram os livros dela sendo queimados pelo meu pai e ali o sonho dela foi interrompido mais uma vez. A primeira vez foi a gravidez na adolescência que a impediu, então parou de estudar novamente, isso me lembra uma forte frase que ouvi no filme “O Diário de um pescador”. Diz que: “os extremistas tem medo de livros e canetas. O poder da educação os assusta”.

Além disso, tudo o que minha mãe desejava, relacionado aos cuidados femininos e até a compra de uma roupa nova para os filhos, tinha que passar por uma dinâmica de muita humilhação, mesmo pedindo dinheiro ao meu pai para fazer isso, ela tinha que responder as

perguntas do porque? onde comprar? Quando vai? E quanto é? ou seja, uma total dependência dele, sendo necessário prestar esclarecimentos dos detalhes, apagando e silenciando a mulher incrivelmente forte e maravilhosa que ela é. Apesar disso, nunca achei que o brilho dela fosse diminuído, eu olho para minha mãe até hoje e vejo uma mulher sem limites algum, sigo tentando estimular e espero um dia poder dizer que tenho uma mãe formada no seu grande sonho que é curar pessoas por meio da enfermagem.

Falo isso tudo para dizer que, na escola, não temos como saber o que nossos alunos também enfrentam fora da sala de aula, e quando a escola não se permite considerar aspectos humanizadores, onde ficamos como humanos? Como fica o desenvolvimento psicossocial de uma criança que passa por tantos problemas e é impedida de falar de si? E é silenciada? Não somente em casa, mas também na escola.

A escola precisa ser refúgio também, onde os alunos possam se sentir confortáveis e felizes de estarem, pois pode ser um dos únicos ambientes no qual talvez eles encontrem paz e equilíbrio longe de situações tóxicas ou simplesmente um lugar de segurança. Uma das funções que eu defendo para uma aula de ciências é a de que ela deve ser um espaço que possibilite transformações, ressignificações de mundo (OLIVEIRA, 2020).

O docente será sempre lembrado por suas práticas

A educação para a humanização significa pensar e agir fundamentando-se em princípios éticos responsáveis, determinações políticas interventivas, criatividade estética sensibilizatória. (SPAGOLLA, 2005). Retomo a falar aqui que não espero que as escolas tornem centros especializados de apoio psicossocial, mas sim que possamos considerar a escola como um lugar em que os alunos e professores possam se sentir menos prejudicados, por isso se ver crucial condicionar características de afeto e atenções as emoções.

Uma educação intelectualista, em que o objetivo principal seja o cumprimento do programa curricular, ignorando o indivíduo em sua totalidade, poderá deixar lacunas irreparáveis na formação integral do mesmo, uma vez que uma verdadeira aprendizagem não se restringe à transmissão ou apropriação de saberes conceituais. (SPAGOLLA, 2005, p. 4)

A afetividade pode contribuir para uma ambientalização positiva dos alunos frente as dificuldades de aprendizagens, entende-se teoricamente que os alunos terão melhor facilidade na comunicação com um docente mais afetuoso do que em relação a um docente sem a prática afetiva. Santos et al. (2016) argumenta que a afetividade é um composto fundamental das relações interpessoais. Através dela o trabalho escolar pode ser mais bem direcionado. Servindo ainda de meio para a construção do conhecimento discente e para o processo da aprendizagem.

Um aluno de ter um rendimento diferenciado caso não esteja bem psicologicamente, neste caso o professor como referência para ele enquanto educando pode ser um importante agente para mediar essa situação, com práticas de preocupação, apoio emocional assim fortalecendo as relações na sala de aula. Para Santos et al. (2016) A construção do eu depende essencialmente do outro. Isto significa que a aprendizagem da criança depende da relação afetiva que se constrói entre professor e aluno.

Na realidade construir uma educação de fato humanizada é um desafio em meio a tantos problemas educacionais, sociais, culturais e políticos, que afeta direta e indiretamente a qualidade do ensino brasileiro, tornando-o deficiente. Nesse sentido, educar de forma humanizadora o sujeito significa, trabalhar competências e habilidades de forma mais ampla e concreta, onde na maioria das vezes, tem sido trabalhada superficialmente. Para isso, se requer um minucioso trabalho de intervenções, dentro as mais diversas realidades, que temos dentro do sistema educacional. (FREITAS, 2018, p. 69)

Ensinar requer compreensão das emoções e o desejo que os educandos alcancem e desfrutem do conhecimento e isso se remete as boas relações afetuosas, a educação não precisa ser um lugar que apenas é considerado a abordagem de desenvolvimento cognitivo, mas também deve ser visto com um local de relações fraternas e afetivas.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o incompetente, o irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar marca. (FREIRE, 1996, p. 96)

Por essa razão, o professor pode compreender que a sua contribuição para os educandos vai além do processo de formação acadêmica, mas também para o de valores e de cidadania e uma educação com base em afetos proporciona uma melhor aprendizagem.

Aspectos finais

Pensar em uma educação humanizada parece ainda passar por campos da insegurança visto que, nem sempre é possível trazer os profissionais da educação a esse assunto. Sinto uma certa resistência de uma pequena parte dos professores na escola nas quais já trabalhei como bolsista de extensão e bolsista de ensino, quando falo sobre isso, parece mesmo que essa educação de descentralização dos conceitos técnicos para dividir espaços com conceitos que envolvam o campo da psicologia, para falar sobre as emoções, traz uma estranheza.

Estranheza? Sim, pois não somos acostumados a lidar com nossas próprias emoções e nem a refletir sobre aspectos mais sensíveis na escola, não somos habituados a pensar sobre os nossos comportamentos diante de nossa família, amigos ou diante de nossos alunos na sala de aula. Ressalto a necessidade e a importância considerar a reflexão sobre nossos próprios pensamentos e comportamentos a fim de não perder, mas sim de fortalecer a humanização.

É fundamental, reconhecer-se a si mesmo, reconhecer os educandos para além da falácia de que somos transmissores de conhecimentos. Somos capazes de compreender a importância das emoções, sentimentos e afetos que fazem de nós humanos.

Referências

ALCOFORADO, L. Desenvolvimento profissional, profissionalidade e formação continuada de professores: possíveis contributos dos relatos autobiográficos profissionais. **Educação**, v. 39, n. 1, p. 65-83, 2014.

CARRARA, K; BETETTO, M. F. Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**. v. 26, n. 3, p. 337-347, 2009.

DEL PRETTE, Z. A. P. & DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais**: terapia e educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.. **Competência social e habilidades sociais:** manual teórico - prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2017

FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, B. Educação Humanizada: o saber e o fazer de cada um compartilhado por todos na arte de educar. **Revista Ciências Humanas**, v. 19, n. 2, p. 68-91, 2018.

GOMES, M. L. M. Elementos de uma história de formação docente: as memórias de um professor de Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, v. 32, n. 60, p. 191-211, 2018.

JESUS, G. L. S; DUARTE, D. P.; KATO, D. S. **Diversidade Cultural e Identidade Docente:** Análise de uma Narrativa Digital para a Humanização do Ensino da Biologia. II Encontro Regional de Ensino de Biologia, 2019.

KATO, D. S. **Bionas para a formação de professores de Biologia:** experiências no observatório da educação para a biodiversidade. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

LIMA, M. C. C; GERALDI, C. M. G; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em revista**, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015.

PAGAN, A. Entre o bélico e o diplomático: transicionar a ciência como possibilidade de humanizar a educação ambiental. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v.7, n. esp., 2020.

SANTOS, A. O; JUNQUEIRA, A. M. R; SILVA, G. N. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 1, 2016.

SOUZA, E. C; MIGNOT, A. C. V. (orgs). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quarteto, 2008.

SPAGOLLA, R. P. **Afetividade**: por uma educação humanizada e humanizadora. Jacarezinho: UENP, 2005. p. 2343-8.

SILVA, K. R. X. Competências Socioemocionais Frente à Diversidade na Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 4, n. 2, 2020.

OLIVEIRA, R. D. V. L. Um ensaio sobre a cegueira: covid-19 e a humanização das ciências da natureza. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 8, n. 2, p. 71-81, 2020.